



METROPOLE

SSA-BA

20 NOV 2025

SALVADOR TEM MAIS ACADEMIA DO QUE FARMÁCIA, MAS O SUPINO DÁ CONTA DO HYPE FITNESS?

A multiplicação de academias em Salvador expõe um descompasso: enquanto cresce a busca por saúde, bem-estar e vida fitness, muitas unidades seguem com estrutura limitada para atender à nova demanda. Págs. 2 a 4



De telas de Orixás viradas a punições revertidas em cesta básica, Brasil revela desafios da luta antirracista. Págs. 6 e 7



Às vésperas da eleição, governador e prefeito surpreendem ao unir forças pelo interesse público. Pág. 9



Em estreia no JM, Chico Hora expõe o motocídio que se repete como destino nas ruas de Salvador. Pág. 12

Indústria do vazio

Texto **Daniela Gonzalez**
redacao@radiometropole.com.br

Shape sem estrutura

Capital fitness, Salvador tem mais academias do que farmácias — em contrapartida, menos suporte do que os alunos realmente precisam para não se machucar

Salvador é a cidade da música, das belas praias, da poesia, do dendê e... a terra onde o povo não vive sem um supino. Isso porque dados da Secretaria Municipal da Fazenda (Sefaz) mostram que já temos mais academias (1.671) do que farmácias (1.597) — um feito digno de comercial motivacional. O problema é que, quando o aluno atravessa a catraca, percebe que o “cuidado com a saúde” fica mesmo na porta de entrada.

O primeiro impacto é sempre o mesmo: superlotação digna de Ré-



Publisher **Editora KSZ**
Diretor Executivo **Chico Kertész**
Projeto Gráfico **Marcelo Kertész & Paulo Braga**
Editor de Arte **Paulo Braga**
Coordenação **Mariana Bamberg**

Conselho editorial **Claudia Pereira, Jairo Costa Jr., Juliana Lopes, Mariana Bamberg, Nardele Gomes e Natália Freitas**
Redação **Daniela Gonzalez, Ismael Encarnação, Juliana Lopes e Victor Quirino**
Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**

Revisão **Redação**
Comercial **(71) 3505-5022**
comercial@jornaldametropole.com.br
Rua Conde Pereira Carneiro, 226 - Pernambués - CEP 41100-010
Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000

veillon em Stella Maris, e um, quando muito dois, profissionais tentando orientar 30 alunos ao mesmo tempo. Nas grandes redes, então, virou comum o aluno circular mais tempo procurando um instrutor do que fazendo exercícios.

FALTA DE ORIENTAÇÃO E O EXCESSO DE IMPROVISO

Rose Soares, recepcionista em clínica médica, relatou ao Jornal Metropole que teve uma lesão após fazer exercício físico em uma academia no bairro da Liberdade. “No dia em que eu entrei foi tudo perfeito. Já no se-

gundo dia, os professores não conseguiam dar conta de tanta demanda, e desconfio que, ali, no mínimo dois eram estagiários. Fiquei quatro meses. Uma experiência negativa, e o resultado foi uma lesão no joelho direito”, contou.

Um profissional de uma academia em Salvador, que pediu para não ser identificado, relatou que trabalhou nesses tipo de estabelecimento durante alguns anos. Antes de se formar, atuava como estagiário, mas tinha as mesmas atribuições que profissionais formados, e isso sempre o alertava de que aquilo “não estava normal”.



freepik

ReclameAqui: o diário não-oficial das academias

Basta apenas uma pesquisa no ReclameAqui - site em que consumidores podem reportar suas indignações. O relato vem de um consumidor do Sa-boeiro, que até conseguiu entrar para treinar, mas descobriu que orientação técnica, ali, era praticamente uma miragem. Ele relata ter passado dias tentando entender a execução dos movimentos, porque ninguém aparecia para tirar dúvidas. Nem na matrícula, segundo ele, houve explicação básica. “Parece que o aluno tem que chegar sabendo”, reclamou.

No bairro da Graça, a história não muda, só ganha detalhes ainda mais picantes. A unidade, segundo um frequentador, parecia uma “bagunça anunciada”: máquinas sem manutenção, cabo frouxo, equipamento travado... e nenhum profissional por perto para resolver. Ele diz que andava pela sala como quem caminha em um depósito de ferro velho: desviando, testando, rezando para a máquina não estalar no meio da série. A sensação geral, segundo o relato, era de abandono - “uma academia bonita na fachada, mas largada por dentro”.

DE CAJAZEIRA À GRAÇA

No Salvador Norte, uma cliente descreveu uma situação que beira a comédia involuntária: das quatro cadeiras de massagem da unidade, três estavam quebradas. A que funcionava, claro, tinha fila de espera maior do que fila de banco. Ela conta que reclamou várias vezes e recebeu respostas vagas, do tipo “estamos aguardando a manutenção”.

Em Cajazeiras, outro frequentador afirma que parte das máquinas essenciais estava inutilizada há semanas. “Toda vez que eu venho, tem um equipamento novo com aviso de ‘em manutenção’”, contou. A manutenção, porém, nunca chegava. A impressão, segundo ele, era que o aluno precisava ter fé (talvez joelhos fortes) para continuar a treinar.



Avaliação física: o mito e a promessa

E se alguém tenta começar pelo básico, como uma avaliação física? Em várias unidades de Salvador, o aluno descobre que a tal “avaliação” é mais promessa do que prática. Um morador da Barra conta que entrou, perguntou sobre avaliação corporal e descobriu que não havia sequer sala para isso. Muito menos um profissional disponível. Se quisesse, poderia contratar por fora - um “detalhe” que,

para quem se propõe a vender saúde, soa no mínimo contraditório. Como disse o consumidor, “não faz sentido treinar sem ter um mínimo de acompanhamento, mas aqui é assim: você treina no escuro”.

EXAME MÉDICO: SÓ SE FOR O DO PRÓPRIO ACHISMO

Ao mesmo tempo, nenhuma

academia exige exame médico real. Um PAR-Q (Questionário de Pronto-tidão para Atividade Física), aquele papel em que o próprio aluno declara que está tudo bem, e resolve. A pessoa pode ter passado dez anos sedentária, mas se marcou “não” nas caixinhas, pronto: liberada para agachar com 100 quilos. É a saúde no modo autodeclaração, a mais otimista das ciências.



O que diz a Lei?

A legislação brasileira determina que as academias mantenham um responsável técnico e só permitam a atuação de profissionais de Educação Física registrados no CREF. No entanto, apesar de garantir a presença de instrutores habilitados, a lei não estabelece uma proporção mínima entre número de profissionais e quantidade de alunos, nem critérios es-

pecíficos para horários de pico.

Na prática, isso cria um vazio regulatório: as academias cumprem a exigência formal, há profissionais, mas muitas vezes em número insuficiente para atender à demanda, especialmente em unidades lotadas. A falta de parâmetros claros sobre dimensionamento de equipes deixa a segurança e o acompanhamento dos alunos dependentes das decisões internas de cada estabelecimento, sem padronização nacional ou fiscalização efetiva.

Entramos em contato com a ACAD Brasil – Associação Brasileira de Academias, e até o fechamento da reportagem não obtivemos respostas.

CULTO DO CORPO PERFEITO

Enquanto isso, cresce o culto do corpo perfeito, das fotos no espelho, da corrida pela estética, do abdômen como passaporte social. Com essa pressão, o aluno tolera tudo: fila para máquina, falta de instrutor, aparelho quebrado, avaliação inexistente. Aguenta porque “todo mundo está treinando”. Porque “tem que correr atrás do shape”. Porque a academia virou mais um item de status do que de saúde.

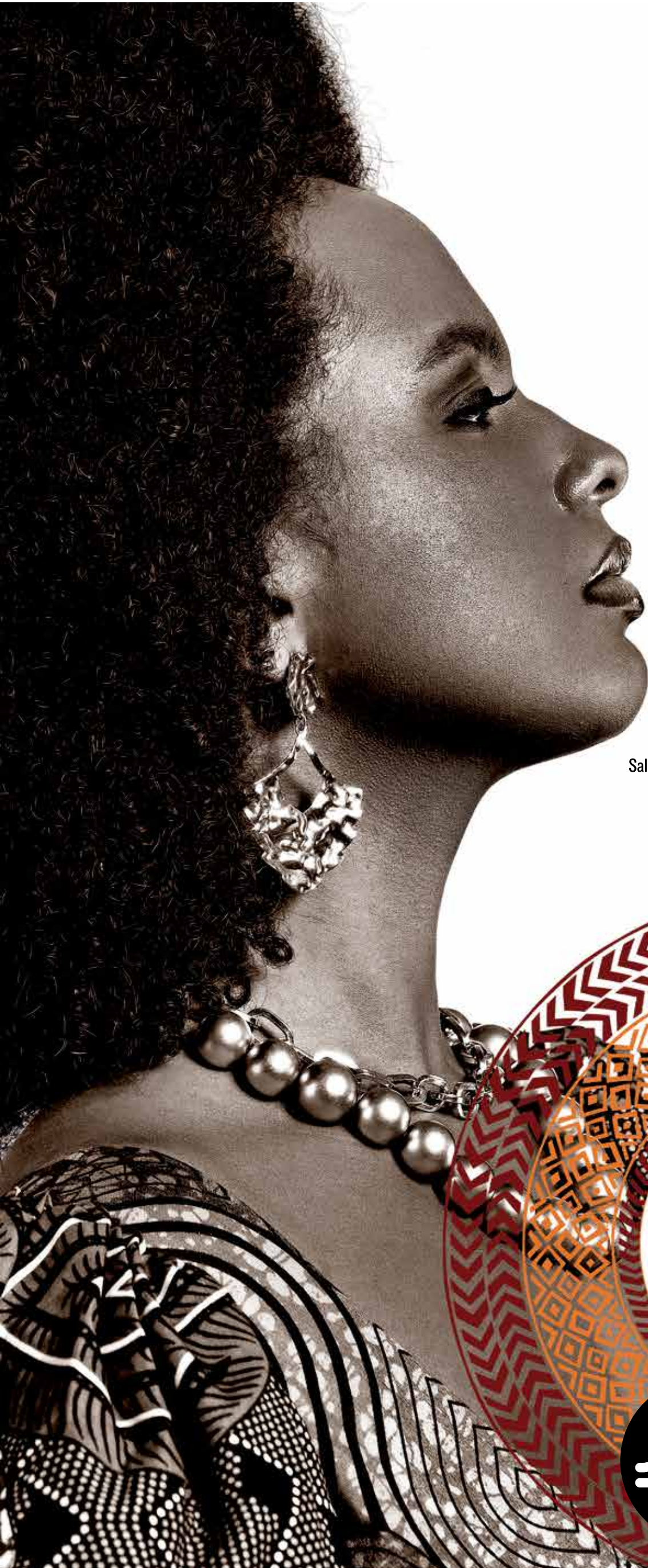
Salvador sarada ou Salvador sufocada?

E aí fica a pergunta que a própria cidade parece evitar olhar no espelho: estamos ficando mais saudáveis - ou só mais lotados? Não se trata de criticar as academias, muito pelo contrário. O objetivo é mostrar que alguns problemas começam a se enraizar no setor. As unidades estão cada vez mais lotadas e isso acende um alerta: estamos realmente preparados para receber essa nova demanda por saúde e bem-estar?

A busca por uma vida saudável virou tendência. Cada vez mais jovens têm reduzido o consumo de álcool e cigarro, migrando para hábitos que prometem mais qualidade de vida. Mas essa mudança também vem acompanhada de uma pressão estética crescente, impulsionada pelo ideal de corpo perfeito e pelo ritmo das redes sociais.

O médico Raymundo Paraná faz um alerta: “Sem dúvida, a cultura da estética faz parte de uma nova visão que chegou turbinada pelas redes sociais, onde a casca é mais importante que o conteúdo. Todo mundo tem que se mostrar muito bem, muito bonito, dentro dos seus conceitos de beleza, que são variáveis de pessoa para pessoa, mas geralmente é um estereótipo, tem que ser aquela pessoa magra, musculosa, sem rugas, como o conceito de beleza que impera nesse mundo fantasioso das redes sociais. Todo mundo está feliz, todo mundo está com o seu corpo estereotipado”.





SALVADOR. POTÊNCIA NEGRA QUE ABRE OS CAMINHOS DO NOSSO FUTURO.

Salvador tem mais do que história: tem ancestralidade.
Uma cidade negra, rica e única.
E, quando abrimos os olhos para isso,
entendemos a força de tudo o que somos.

20 de novembro.
Dia da Consciência Negra.



#PraTodosVerem: Anúncio de página inteira, com um fundo branco. Na esquerda, vemos uma mulher negra fotografada em preto e branco com adornos e um vestido estampado. À direita, lemos o título nas cores marrom, laranja e amarela: “Salvador. Potência negra que abre os caminhos do nosso futuro”. Abaixo, lemos, também, o subtítulo: “Salvador tem mais do que história: tem ancestralidade. Uma cidade negra, rica e única. E, quando abrimos os olhos para isso, entendemos a força de tudo o que somos. 20 de novembro. Dia da Consciência Negra”. Abaixo do texto, vemos uma mandala com o texto “Novembro Salvador Capital Afro Raízes em Movimento” no centro. Abaixo, finalizando, temos as marcas de turismo da cidade de Salvador e da Prefeitura de Salvador em círculos pretos.

Consciência onde?

Toda da vez que o país celebra um 20 de Novembro, a realidade trata de escancarar que a consciência ainda não chegou

Texto Ismael Encarnação e Mariana Bamberg
redacao@radiometropole.com.br

Dia da Consciência Negra.

Consciência mesmo tem faltado. No dia 20 e em todos os outros. Sobram discursos bonitos nas redes, campanhas publicitárias surfando nesse calendário e matérias estampando sites e jornais com personalidades negras. Mas consciência mesmo? Essa ainda está em falta, mesmo que com avanços a serem

comemorados.

Uma visão pessimista? Talvez, mas fincada nos fatos, nos números, nas notícias, nos relatos. Houve consciência negra quando telas com Orixás da exposição “Baianinhas” foram viradas de costas para a realização de um evento gospel em um dos salões da Assembleia Legislativa da Bahia? Nem consciência, nem descuido, nem erro técnico. Foi uma escolha - classificada como “vergonhosa” pela Associação Brasileira de Preservação da Cultu-

ra Afro-Ameríndia, que denunciou o caso e cobrou apuração para descobrir os responsáveis.

Vergonhosa em diferentes nuances, em especial por acontecer justamente na casa que deveria representar o povo de um estado - um estado que tem cerca 80% da sua população autodeclarada como preta ou parda e mais de 120 mil praticantes do candomblé e umbanda. Olhando assim, parece mais uma visão realista do que pessimista, não é?

foto do leitor/divulgação



foto do leitor/divulgação



13 mil

casos envolvendo racismo ainda estão pendentes na Justiça Brasileira

Depois de 60 anos, a primeira prisão

E para mais uma dose de realidade, basta lembrar que só em 2024 (sim, no ano passado) houve a primeira condenação com pena de prisão para um caso de racismo. Isso porque a primeira lei de natureza antirracista foi sancionada em 1951 e considerava contravenção, já com possibilidade de prisão simples de quinze dias a três meses ou multa, negar serviço, seja de hospedagem ou educação, por preconceito de raça ou de cor. De lá para cá, várias outras leis, como o próprio Estatuto da Igualdade Racial, foram reforçando o combate ao racismo.

Mas até o ano passado, nenhuma delas tinha sido capaz de superar o racismo estrutural e condenar alguém à prisão. Quem acompanha esses julgamentos é unânime: a maior parte dos casos de discriminação racial é enquadrada apenas como injúria, que prevê uma punição mais branda, de multa e um a seis meses de prisão - o que, na prática, pode simplesmente ser revertido para compra de cestas básicas.



fernando fração/agencia brasil

ESPECIAL



METROPOLE

Vitória para poucos

Sobre a primeira condenação com prisão por crime de racismo, resta nos dividirmos entre comemorar o avanço ou lamentar seu atraso.

Não só o atraso, mas também a “não prisão”. Porque até junho deste ano, a Justiça considerava como “desconhecido” o paradeiro da primeira pessoa condenada à prisão. Ela proferiu, na internet, declarações racistas contra uma criança, a filha dos atores Giovanna Ewbank e Bruno Gagliasso, que comemoraram a decisão, mas reconheceram que essa foi uma vitória decorrente também da visibilidade e cor da pele dos pais.

Racismo desportivo

No geral, o que sobra para aqueles que não têm um sobrenome ou a mídia como aliado é virar estatística. Ou, quem sabe, ver uma punição mixuruca ao seu agressor.

No Paraná, por exemplo, o jogador Paulo Vitor, do time de futebol Nacional, foi chamado de “macaco” em campo e reagiu com um soco. Restou a ele uma punição maior do que a de seu algoz. Enquanto o autor da injúria racial foi suspenso por sete jogos, Paulo Vitor somou 10 jogos de suspensão - porque racismo não deve ser tão grave para as entidades e Tribunais Desportivos.

Valor dos crimes

Da mesma forma, a Conmebol avaliou que imitar um macaco para ofender um jogador em campo (como aconteceu na Libertadores Sub-20) vale 50 mil dólares em multa. Enquanto acender um sinalizador na torcida é mais grave, custa 78 mil dólares. Chegar atrasado para a partida então... só será perdoado com 100 mil dólares.

No fim, os padrões vão se repetindo no futebol, nos tribunais, nas ruas. E consciência que é bom, nada. Mas a luta, não se curva. Continua nos terreiros, nas escolas e nas pequenas vitórias a duras penas. Se consciência falta a muitos, sobra a quem enfrenta o racismo todos os dias.



tania rego/agencia brasil



Consciência Negra, organizemos a nossa indignação!

Silvio Humberto

Vereador, professor e doutor em Economia

Falar em esperança hoje é um ato de resistência. No Brasil, a partir das jornadas de 2013, uma janela de oportunista se abriu para uma agenda liberal, culminando no impeachment de Dilma, na ascensão de Temer e, depois, no governo Bolsonaro. O resultado foi um projeto de desconstrução nacional, cujo trágico legado inclui mais de 700 mil mortes na pandemia, agravadas pela desinformação oficial.

Este contexto aprofundou abismos históricos. “Enquanto houver racismo, não podemos falar em democracia”, alerta o movimento negro. Dados da Oxfam já mostravam que os 5% mais ricos detinham a mesma renda que os outros 95%. Na Bahia, negros ganham 42% menos que brancos; entre as mulheres negras, a diferença salarial chega a 50%. A informalidade e o desalento também atingem desproporcionalmente a população negra.

Diante disso, é preciso transformar a

esperança em verbo: é preciso Esperançar. A luta antirracista não é sobre números, mas contra um genocídio que vai além da morte física, ecoando no grito: “Parem de nos matar!”.

As conquistas vieram da rua, do Movimento Negro: a ressignificação do 20 de Novembro, a criação da Fundação Palmares, a Lei 10.639/03 e as políticas de cotas que revolucionaram o acesso ao ensino superior.

Não podemos cair na armadilha do individualismo ou naturalizar as desigualdades. O racismo é mutante e se disfarça em meritocracia e tokenismo. Nossos títulos acadêmicos devem servir ao povo, não a uma torre de marfim. A verdadeira mudança é coletiva.

Como ensina Felwine Sarr em “Afrotopia”, é preciso “curar-se e nomear-se” das feridas narcísicas da opressão. A cura é comunitária, encontrada na música, na fé e na ação política. Para esperar, é preciso organizar a in-

dignação e ampliar a representação negra no poder.

Conceição Evaristo resume: “Eles combinaram de nos matar e a gente combinamos de não morrer!”. Esperançar é não desistir. É manter a espinha ereta e seguir na luta, coletivamente.

A luta antirracista não é sobre números, mas contra um genocídio que vai além da morte física, ecoando no grito: “Parem de nos matar!”



paulo pinto/agencia brasil

Adversários íntimos

Ano pré eleitoral na Bahia é marcado por parceria entre governo e prefeitura, com direito a encontros e gestos de cordialidade

Texto **Juliana Lopes**
redacao@radiometropole.com.br

Nem só de crítica e dedo na ferida vive o jornalismo. Felizmente, de vez em quando conseguimos dar boas notícias. Na política baiana, enquanto a corrida eleitoral de 2026 já está em curso, o clima entre o governador do Estado e o prefeito da capital tem sido de cordialidade e acordos firmados. Tudo começou no final de agosto, quando Jerônimo Rodrigues (PT) e Bruno Reis (União) se encontraram no Centro de Operações e Inteligência (COI), no Centro Administrativo da Bahia (CAB), para discutir ações conjuntas em temas como segurança pública, saúde, educação e desenvolvimento social. Foi o primeiro encontro formal entre os dois desde a posse de Jerônimo, em 2023.

O resultado da reunião de agosto, entre outras contribuições mútuas, foi a adesão do Estado ao Plano Municipal de Segurança Pública e Defe-

sa Social, lançado na quinta-feira (6) com a presença dos dois chefes do executivo. No evento, chamou atenção um gesto de cortesia. É praxe, nas solenidades desse tipo, que a maior autoridade presente – no caso, o governador – seja o último a discursar. Mas Jerônimo não hesita em sair do protocolo quando a causa é justa e, mesmo sob protesto de Bruno, insistiu para que o prefeito encerrasse a reunião.

APROXIMADOS PELO CAOS

O único momento em que essa união estado-município tinha acontecido foi logo no início da pandemia, quando o então prefeito ACM Neto (União Brasil) e o então governador Rui Costa (PT) aliaram esforços para definir protocolos e ações coordenadas para o combate ao coronavírus. O resultado dessa parceria foi Salvador no posto de uma das referências nacionais contra a covid.

Juntos na avenida

Depois do Plano Municipal de Segurança Pública, veio outra parceria com a assinatura do Protocolo de Intenções para o Carnaval de Salvador, por meio do Ministério do Trabalho e Emprego, oficializado na sexta-feira (14). Mais um encontro, novos gestos de cordialidade e um discurso alinhado em torno da união de esforços para garantir condições de trabalho dignas aos cordeiros, catadores, ambulantes e demais profissionais da cadeia produtiva do Carnaval de Salvador. O acordo tem vigência de cinco anos e amplia a participação do governo do Estado na festa.

Em entrevista à Metropole, o governador chegou a mencionar que quer fazer mais pelo Carnaval, festa cujos louros costumam recair sobre a prefeitura. Citou ainda que, se o prefeito concordar, os dois devem cobrar da patrocinadora do evento: “dona Ambev, qual a sua contribuição para que aqueles aqueles trabalhadores tenham dignidade?”.

EM TEMPOS DE DISPUTA

Essa união vem a despeito de uma disputa nacional pelo controle da narrativa sobre Segurança Pública, usada como instrumento eleitoral. A Bahia vai na contramão do restante do país, ensinando ao Brasil que é possível colocar o interesse público em primeiro lugar. Todo mundo ganha.

Oremos para Nossa Senhora das Eleições para que esse clima respeitoso se mantenha até outubro do ano que vem, pelo menos aqui em Salvador. A nível nacional, basta olhar o Congresso, o buraco é mais embaixo.



joa.souza/govba

ENTREVISTA

Marcello Serpa

PUBLICITÁRIO, EX-SÓCIO E DIRETOR DE CRIAÇÃO DA ALMAPBBDO



O brasileiro, por sua leveza e capacidade de comunicação, sempre soube fazer propaganda que falasse com as pessoas na rua. Isso nos diferencia. Outros países falam [com o consumidor] de cima para baixo

Jornal da Metropole no Ar

ENTREVISTA

Jacqueline Pitanguy

SOCIÓLOGA E CIENTISTA POLÍTICA



Tudo isso [que envolve o PDL da Pedofilia] é em nome da conveniência e articulações políticas, tem a ver com eleição, candidaturas de extrema-direita, não tem nada a ver com saúde e direitos das meninas e mulheres brasileiras

Jornal da Bahia no Ar

ENTREVISTA

Bruno Abbud

JORNALISTA E AUTOR DO LIVRO "NOBRES TRAFICANTES"



A ideia de que o narcotráfico é exclusiva das comunidades pobres ou periféricas é, além de cínica e hipócrita, falsa [...] em todo um mercado internacional de drogas que envolve pessoas que não são estereotipadas

Jornal da Bahia no Ar

ENTREVISTA

Fernando Oberlaender

O EDITOR DA CARAMURÊ E ARTISTA PLÁSTICO



Livro não é objeto de desejo na Bahia. Não há distribuição, e a produção local sofre porque não tem compra pública. O investimento cultural na área do livro é muito pouco

Jornal da Bahia no Ar

Informação e Resenha do Bahia com
Dom Chicla, Matheus Barbaço e James Martins



FALA NAÇÃO TRICOLOR



Toda segunda-feira **às 15h**
Na Rádio 101.3 e no [Youtube.com/PortalMetro1](https://www.youtube.com/PortalMetro1)



MOTOCÍDIO ou quando o morto só tem 2 rodas

Francisco Hora

Médico especialista em Pneumologia e Medicina do Sono

Nas ruas de Salvador o barulho das motos é muito mais que barulho – é prenúncio. A cidade já acorda com motos ziguezagueando entre carros, ônibus, buracos e a pressa dos vivos e, como num destino aziago, dormirá com mais corpos no asfalto. Há quem chame de acidentes de trânsito, eu prefiro chamar de motocídio mesmo, até porque quando a mesma cena trágica se repete de forma previsível, deixa de ser acaso.

Nas estatísticas, o morto é apenas um número. Na prática, é o cara que te trouxe o jantar ontem, ou simplesmente o cara que sonhava juntar uma grana para comprar o seu material de trabalho – a própria moto, e que ironicamente foi sepultado por ela. Não haverá como romantizar o caos, o motocídio continuará sendo o crime perfeito – aquele em que todos tem culpa e ninguém tem nome.

Estamos falando de rapazes entre os 20 e 29 anos, pilotando para aplicativos, acelerando entre a gincana do trabalho, o descuido com os equipamentos de proteção e a disputa agressiva pelo mesmo es-

paço com os motoristas de quatro rodas, num verdadeiro malabarismo da morte. Em outras palavras, urgem providências urgentes, vale a redundância: infraestrutura viária adequada com faixas exclusivas para motos – as Motofaixas ou Motovias, fiscalização eletrônica eficiente, educação e cultura de segurança.

Nos últimos cinco anos, a frota de motos em Salvador saltou de 160.661 unidades para 216.338, crescendo 38%. Em 2023 na Bahia, os motociclistas responderam por 44,5 % das vítimas fatais de acidentes de transporte e, em 2024, foram 12.888 internações por acidentes de motos. Em Salvador, foram 125 mortes pelo mesmo motivo, nos últimos dois anos, e os que sobrevivem, guardam sequelas para o resto da vida, em sua maioria.

Esses números retratam um fenômeno que deveria ser tratado como um desafio de saúde pública, de vulnerabilidade social e de gestão, de gestão sim, pois não é possível que numa cidade onde se abrem viadutos e espaços para BRT, a todo momento, os motociclis-

tas continuem sendo tratados como se não existissem ou como se muriçocas fossem, a perturbarem a nossa paz enquanto dirigimos. Fossem criaturas do nosso Olimpo social, isto já estaria resolvido. Não tenho a menor dúvida!

Nas estatísticas, o morto é apenas um número. Na prática, é o cara que te trouxe o jantar ou simplesmente o cara que sonhava juntar uma grana para comprar o seu material de trabalho



fernando fração/agencia brasil



★★★★★

Dias Perfeitos
Mubi e Netflix
Filme | Drama

★★★★★

Ângela Diniz: Assassinada e Condenada
HBO Max
Série, 6 episódios | Drama

★★★★★

Meu Ayrton, Por Adriane Galisteu
HBO Max | Série, 2 episódios
Documentário

★★★★★

A Mulher Rei
Netflix
Filme | Ação

Filé do Streaming

Toda semana, uma rodada de séries e filmes pra você fugir da rolagem infinita nos streamings. Não garantimos ausência de spoiler, mas prometemos assistir antes pra você não precisar se arrepender depois

Texto **Victor Quirino**
redacao@radiometropole.com.br

Para os amantes de streaming que querem fugir da barulheira do dia a dia ou simplesmente para aqueles que precisam de um minuto de paz, Dias Perfeitos é a escolha ideal. Dirigido pelo premiado Wim Wenders, o filme chega ao streaming através da Mubi e da Netflix, trazendo um olhar diferente sobre o silêncio do cotidiano, com beleza nos pequenos encontros e nos choques geracionais.

Mas se você não está no clima de relaxar ou está sem paciência pra tanta tranquilidade, que tal mergulhar em um terrível caso baseado em fatos reais? Nada de Tremembé. Estamos falando de Ângela Diniz, a nova série brasileira da HBO Max, que se inspira no sucesso do podcast Praia dos Ossos, para contar a história já conhecida dessa mulher que foi assassinada e “condenada”. Se prepare para sentir raiva, revolta, e espere por uma atuação hipno-

tizante da Marjorie Estiano.

Ainda nas produções brasileiras, essa aqui é um tanto polêmica. Depois de um ano, após ser esnobada na série Senna, produzida pela Netflix, Adriane Galisteu dá as caras para contar a sua versão da história, em Meu Ayrton na HBO Max. Trazendo uma visão menos heróica do piloto e considerado pelo público como uma resposta à família Senna, o documentário explora relatos até então ocultos, e nem mesmo a Rainha dos Baixinhos teve coragem de participar.

Se contar a própria história já dá trabalho, imagine ter que conquistá-la à força. Essa é a proposta de A Mulher Rei, na Netflix. Uma ficção histórica inspirada nas guerreiras Agojie, uma força militar composta somente por mulheres. Para quem gostou de Pantera Negra e sente falta de uma ação empolgante, essa é a melhor pedida. Espere por batalhas vibrantes, figurinos impecáveis e a atriz Viola Davis como uma verdadeira força da natureza.



divulgação

Laranjada

Casa de Dinamite. Alguns dizem que o trajeto é mais importante que chegar ao destino. Mas o que fazer quando não há um destino final? Esse é o maior medo para aqueles que detestam finais abertos. Com grandes nomes no elenco, o filme da Netflix resgata a sensação de ansiedade nuclear da Guerra Fria para criar uma tensão constante. O roteiro explora mais de uma perspectiva e ainda assim não fornece respostas para as perguntas. Por acaso esqueceram de colocar o final do filme? Promete muito e, de fato, não entrega nada. Que laranjada.

Difudê

O Agente Secreto. Saindo um pouco dos streamings, Kleber Mendonça Filho e sua paixão por cinema conquistou o público novamente e dessa vez ainda levou uma enxurrada de premiações. Com todo mundo comentando, é claro que esse jornal não poderia ficar de fora. A nova aposta brasileira para o Oscar carrega as mazelas da ditadura e o lado cheio de vida do Brasil. Com lendas urbanas e manchetes sensacionalistas, a cidade de Recife se torna uma personagem que disputa protagonismo com Wagner Moura. Falando no elenco, aqui vai um destaque para Tânia Maria, a Dona Sebastiana, essa sim merece um Oscar só pelo carisma.

Laranjada

A Guerra dos Mundos. Esse talvez fosse o pior filme que você veria na vida. Mas, felizmente estamos aqui para te proteger de mais uma laranjada. Não, essa não é aquela história de ficção com o Tom Cruise. A tradução fez o favor de adicionar um artigo na frente para não nos confundir. Sério, de quem foi a ideia de colocar o Ice Cube numa sala, reagindo a uma invasão alienígena barata? Parece uma paródia tão mal feita que chega a ser cômica. É impossível ver esse copo meio cheio, é simplesmente vazio de todas as maneiras. Nem para servir de propaganda da Amazon a Prime Vídeo conseguiu.

Pérolas da semana

O homem é uma máquina de pérolas, das melhores. Tarcísio de Freitas não falha ao competir por um espaço nessa sessão. Dessa vez, ele usou de toda sua genialidade para expor a solução para todos os problemas do Brasil



joão valerio/govsp

“Troca o CEO que o Brasil volta a funcionar”, escreveu nas redes sociais, fazendo uma referência velada ao presidente Lula e ao cargo de chefe de uma empresa.

Vá com força!

“Pequeno Manual antirracista”, de Djamila Ribeiro, é daqueles livros que chega dizendo: calma, respira, vamos conversar direito. Em 11 capítulos curtos e diretos, ele traz reflexões e ajuda a aprofundar a nossa percepção sobre discriminações racistas estruturais. É um livro rápido, didático, que costura bem a história, a política e a convivência cotidiana.



Para o leitor do JM, tem desconto de 15% em “Pequeno Manual antirracista” no site e nas lojas físicas da LDM, é só usar o **METROINDICA15** ou informar no balcão.

Mudança na sua agenda

Não é cara nova, eles continuam lá, mas é um novo dia na sua agenda. Mário Kertész, Janio de Freitas, Bob Fernandes e Sérgio Augusto continuam dividindo a bancada virtual do Três Pontos, mas agora toda quarta-feira, ao meio-dia. Reprograme sua semana para acompanhar o melhor programa da Rádio Metropole na 101.3 FM e no YouTube.

MK Entrevista

As inscrições para a segunda edição do MK Entrevista já estão abertas. O encontro vai acontecer no dia 2 de dezembro, às 18h, no auditório da Fieb. O convidado desta vez é o economista José Sérgio Gabrielli, ex-presidente da Petrobras, que participará de uma conversa conduzida por Mário Kertész sobre geopolítica, finanças, petróleo e transição energética.

Para se inscrever, basta apontar a câmera para o QR Code a seguir e enviar MK Entrevista para o Whatsapp aberto.



Que p... é essa?

DIA DE PLANTAR

Não é novidade que falta ano no calendário soteropolitano para atender aos projetos que querem instituir dias especiais na cidade. Mas quando resolvem inventar o Dia de Plantar, a indignação não pode ser a mesma, tem que ser daquelas da largura do tronco de uma árvore centenária, embalado com o sonoro grito de um “que p... é essa?”. Façam-nos uma garapa, senhores vereadores. Será mesmo que é mais um dia no calendário (além do Árvore, da Natureza, da Ecologia, enfim) que vai criar consciência ambiental nas pessoas e no Poder Público?

Coordenadora **Kamille Martinho**
kamille.martinho@metro1.com.br

Pegue a visão

Chegou a melhor parte do jornal: nossa editoria de dicas! Aproveite porque, se depender das indicações, não sei se estaremos aqui na próxima edição

Nega Lôra

Prezados problemas, por favor, deem-me algum desconto. Sou seu cliente regular.

Jane

Amor que fica é o amor de pica. Amor de coração fica ou não.

Trump

Acho a velocidade um prazer de cretinos. Ainda conservo o deleite dos bondes que não chegam nunca.

Lindinalva

Somos mais idiotas do que nunca. Ninguém tem vida própria, ninguém constrói um mínimo de solidão. O sujeito morre e mata por ideias, sentimentos, ódios que lhe foram injetados. Pensam por nós, sentem por nós, gesticulam por nós.

Guto

Se você cair, eu estarei aqui! – disse o chão.

Cida

Só gosta das segundas-feiras quem tem amante no trabalho

Fausto Silva

Na viagem que fiz agora, pedi uma informação para um menino dos seus 10 anos e ouvi: “por aqui ou por ali é a mesma quantidade de caminho”. Agradei, maravilhada, ao pequeno com alma de Guimarães Rosa. Nós, medíocres, teríamos dito: “é a mesma distância”. Pobre de nós”

Vlad

O eterno dilema de pendurar roupa no varal e ter que decidir qual roupa merece o prendedor de madeira e qual merece o de plástico

Buçanha

O Bahia nunca perde... apenas adia o triunfo.

Flávia Vizinha

Certas pessoas são como nuvens. Quando somem, o dia fica lindo!



MÁRIO KERTÉSZ

entrevista

SÉRGIO GABRIELLI



Participação
Carlos Passos

Participação
Deyvid Bacelar

02 de dezembro, às 18h
Auditório da FIEB – Stiep

